

# JORNAL DO CONSERVATORIO.

N.º 11.) *Publica-se todos os Domingos.* (Fev. 16, 1840.)

## JORNAL do *Conservatorio.*

Temos dado pela ordem chronologica os pareceres ácerca das peças apresentadas ao Conservatorio; em o nosso ultimo Número coube-nos transcrever o do Drama D. Sisnando, e hoje o que a Commissão especial encarregada do exame da Farça — *O Doudo por força*, emittiu por essa occasião. Como se verá n'esse documento, a Commissão o não julgou digno de ser admittido ás provas publicas, e uma grande maioria do Jury concordou com esse juizo, não nos constando que houvesse um só jurado que o combatesse abertamente. Nem o seu auctor deve ter como inteiramente frustrada sua tentativa, pois que a propria Commissão não poupou louvores ao seu talento, e até houve quem, depois de haver concordado em geral com o parecer, dissesse, que o *Doudo por força* poderia merecer approvação para representar-se, não todavia em um theatro normal, nem com direito a premio.

## PARERES.

A Commissão encarregada de dar o seu parecer ácerca da Farça que tem por titulo = *O Doudo por força* = depois de a ter examinado com attenção, tem o pezar de ser unanimemente reputar esta peça incapaz de ir ás provas publicas, como proposta para premio; pois que a não julga digna de representar-se em um theatro normal, que deve ser a eschola dos bons costumes, da boa moral, e como o mestre vivo da pureza de nossa patria linguagem, cujas qualidades julga faltarem á dita Farça.

E' de esperar comtudo que o auctor não desanime de suas tarefas, e que tratando de as fazer mais correctas, dê logar a que outras produções suas, mereçam a gloria da admissão ás provas publicas, e alcancem a recompensa honrosa de suas sempre louvaveis fadigas.

Conservatorio da Arte Dramatica, e Sala da Commissão, aos 25 de Outubro de 1839.  
Joaquim Larcher.  
Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento.  
Antonio José Maria Campêlo.

## CURSO LITTERARIO

DE

*Mr. Magnin.*

(3.º ARTIGO.)

Pela volta do sexto século o oceano de barbaros, que havia subitamente inundado o imperio romano, e por consequencia a maxima parte do Universo, quasi que de per si mesmo se foi acalmando; porém o golpe terrível que essas novas populações tinham dado á arte pagã quando adoptaram as bandeiras do christianismo, lhe fez um golpe de que ella nunca poudo curar-se. — Tinhamos até qui presenciado o duplo antagonismo da idéa antiga atacada pela idéa moderna; mas desd'o 6.º século sómente esta ultima subsiste, triumphã e consegue supplantar de todo a poderosa rival. Um obstaculo com tudo se oppõe á arte christã — é a nascença dolorosa e difficil dos idiomas modernos; mas ainda que o instrumento tenha senões, não retrogradará o pensar: ha de haver progresso, progresso antes em extensão, que em profundidade, muito embora, mas não deixará de ser incontestavel melhoramente: — um dos beneficios do christianismo tem sido a diffusão das luzes.

No sexto século novo elemento se introduzio no dominio poetico; foi a litteratura *legendaria*, a qual tornou possivel a litteratura *dramatica* na idade media. Participando a legenda

igualmente da ode, da epopéa, do drama, e do apólogo, e em fim de quasi todos os generos; foi uma mina nova que se descobriu.

O segundo elemento do drama nesta época foram as crenças dos barbaros, que a espago bruxuleavam de traz do verniz christão que o cléro lhe tinha dado. Em quanto ao mais, os divertimentos eram pela maior parte ecclesiasticos ou aristocraticos. Usava-se então por extremo o dialogo. Nas obras de Izidoro de Sevilha encontrareis um *conflictus vitiorum et virtutum*, que lhe é attribuido, e cujas personagens são todas metaphysicas: faz lembrar este dialogo as *moralidades* do século XV.

Offerece-nos a arte catholica o desenvolvimento do progresso e movimento intellectual: formando-se escholas ecclesiasticas, levantam-se basilicas, a architectura bysantina se introduz em Ravena, cultivam-se as obras de cinzel e de buril, finalmente a tapeçaria — decoração innata, (como lhe chama Mr. Magnin) se torna então de muito apreço. Como ao mesmo tempo a necessidade das festas se faz sentir ao povo, da-lhe o cléro repetidas procições; e a cathedral substitue a scena antiga. No 6 e ainda no 7.º século as liturgias não tinham um caracter comico, como aodepois; de todo esse tempo só um exemplo nos resta do contrario, e é a *partida da alleluia*, cujos versos formam uma especie de dialogo. E eis aqui tudo quanto a respeito do drama se encontra então no Occidente; — bem pouco na verdade.

O genio dramatico, tendo no Oriente soffrido menos que no occidente pela invasão dos barbaros, tinha conservado em Constantinopla um foco principal. Conta Theophiclates Pimocata que no casamento do imperador Mauricio se representaram muitas peças, e a prohibição aos christãos de assistirem as mesmas se encontra em Phocio. Em quanto ao drama hieratico, foi elle retardado pela heresia dos Iconoclastas; mas ainda assim nos resta um documento bastante curioso, qual é o *dialogo entre Adão e Eva* que vem nas obras de Ignacio Grammatico (*Spicilegium patrum*, t. II, p. 729.) Compõe-se este dialogo de 143 versos precedidos d'um argumento, e o seu auctor parece ter idéas cosmogonicas mais desenvolvidas que as de Moisés. Foi por consequencia mais rico o Oriente que o Occidente.

Mr. Magnin, passando ao 8.º século, faz ver como o Occidente se aproveita das perseguições dos Iconoclastas no Oriente, acolhendo os artistas que abandonam Constantinopla; e voltando ás liturgias mostra a sua transformação em dialogos funebres. — Foi tambem nesta época que se estabeleceu o costume de cantar o Natal, e representar a adoração dos Magos. Tiveram origem em o mesmo tempo as fes-

tas do *deposuit*, e os chocarreiros grangearam muita acceitação.

O decimo século parece ter sido completamente desconhecido até agora. Os monumentos do theatro são neste periodo muito numerosos; e os homens e os factos não são de tão pequena consideração, nem tam pouco accumulados, que não seja licito contradictar fundadamente a opiuição que chamou de ferro este século que disseram sem litteratura, nem progresso. Entre os monumentos que desta época nos ficaram, cumpre não esquecer uma Ecloga de Theodulo, que Mr. Magnin suppõe destinada a ser cantada nos festins. Este drama d'um Italiano que tinha estudado em Athenas, e veio a ser Bispo, é esquisito e curioso. É um *colloquium* entre *Alithia* que defende o christianismo, e *Tesculif* que defende o paganismo; e se compõe de 77 coplas de 4 versos cada uma, cujo todo se faz muito notavel.

Nesta época começou a arte á inspirar-se de seus proprios pensamentos: e as legéncias já não são unicamente tradições biographicas, mas vão tomando um caracter phantastico: — as dansas hieraticas tambem se espalham geralmente; porém o monumento principal do século X, o que a todos os outros domina, é-nos dado pelos conventos: — é o theatro de *Rosvita*.

Foi no convento de Gandearsaen que viveu esta mulher célebre cujo nome quer dizer *Rosa branca*: são 6 as suas comedias, e todos versam sobre os obstaculos de que deve triumphar a virtude das mulheres. — *Rosvita* deixou tambem um poema épico a respeito dos Othões.

Não faremos a analye deste theatro do qual Mr. Magnin promette uma traducção completa; diremos sómente que a peça *Gallicanus* offerece um caracter historico; a de *Dulcinius* é uma pura comedia graciosa, ou uma farsa; em *Calimacus* acharemos paixão do século X; *Pafunio* nos mostra como eram então as desertações eschollasticas; *Adraham* offerece scenas realmente dramaticas; a *Fé*, *Esperança* e *Charidade* é uma comedia allegorica.

Este theatro tão singular nos mostra evidentemente até onde chegou o decimo século: obras deste jaez não se produzem isoladas; e o espirito humano não se desenvolve tanto em um dos ramos da humana actividade, para ficar estacionario nos outros todos.

No século onze apparecem liturgias chocarreiras, que se não devem confundir com as satyricas, cujo desenvolvimento é cem annos posterior. Dansas sobre os túmulos e nos cemiterios encontramos nós tambem n'este tempo; legéncias terriveis, pavorosos contos, que nos são transmitidos por alguns chronistas, têm então muita voga; e vão ferir a imaginação dos pecca-

dores. Uma legenda traz Orderico Vital nos seus escriptos, que bem prova que Dante desde o século onze tivera precusores.

Em quanto ás liturgias, mostra-nol-as esta época misturadas de latim e lingua vulgar: dest'arte se escreveram officios inteiros. — Um antigo manuscrito da abbadia de S. Marcial de Limoges nos appresenta coisa ainda mais curiosa: — é um mysterio das *virgens loucas e das virgens prudentes*, escripto em tres differentes idiomas — latim, francez, e provençal: Jesus Christo falla a primeira destas linguas; mercadores e as virgens prudentes a segunda; empregam a terceira as virgens loucas. — Acham-se no fim deste pequeno drama algumas palavras que provam não ser elle sómente recitado, mas representado na Igreja: os trajos usados em taes solemnidades eram provavelmente os mesmos de que ainda hoje vemos revestidas as personagens collocadas nos baixos-relievos do século onze: pois se quizermos saber o que se passava no interior das cathedraes, devemos ir ao seu exterior prescrutar-lhes os vestigios.

No século doze o primeiro facto que no Occidente devia influir mais sobre a arte, mas cujos effeitos têm sido muito exagerados, foi a cruzada. Os soldados de christo não acharam em Constantinopla o drama hieratico mais desenvolvido que na sua patria. Na Asia o poder sacerdotal, de que depende a arte hieratica, era sujeito ao poder imperial; faltava-lhe pois a plena liberdade de creença e invazão. Na Terra-Santa mesma — lugar onde se consummou a Paixão, as liturgias não se desenvolveram mais que no Occidente; e as cruzadas apenas contribuíram para o drama aristocratico insinuando no peito dos barões o desejo de imitar a corte de Constantinopla: — o drama hieratico e popular nenhum novo elemento ganhou com estas expedições. Restam-nos do primeiro no Oriente dois monumentos bastante curiosos, devidos um a Theodoro Rodromo, que se intitula *a amizade banida do mundo*; outro a Miguel Plochyro, ao qual não é facil dar nome. De ambos elles nos promette Mr. Magnin a traducção.

E eis-nos chegados á época em que sob todas as formas se váe operar a secularisação da arte, marchando tambem a civilisação com passo de gigante no caminho das isenções. Ameaçada na sua influencia, redobrará esforços a igreja para conserval-a, e elles lh'a farão perder mais depressa. E na verdade podia ella cometer maior falta, que a de admittir ao seu seio, ás suas ceremonias, embóra para dar maior pompa a suas festas, que a de admittir a ellas farcistas e comediantes? . . .

Pesando tudo, quasi que se viu a igreja forçada a isto mesmo. O latim já não era comprehendido pelo povo do século 12, o clero se

viu pois constrangido mau grado seu a fazer uso das linguas vulgares. Um poeta anglo-normão — Gervazio de S. Maxencio, que escrevia em 1774, nos diz que era então costume ler e cantar sobre os túmulos vidas de santos em lingua vulgar. Nas procissões usavam-se canticos graciosos (*nugaces cantilenas*), e se fazia o que se chamava uma mistura, isto é, recitavam-se os officios em latim, francez, e até em inglez conjunctamente.

Desta primeira concessão, até chegar ao drama secular apenas havia um passo, que bem depressa se deu. O primeiro monumento deste genero, que chegou aos nossos tempos, foi um *mysterio* da Redempção composto por Guilherme Hermann, poeta anglo-normão que vivia em 1127. O segundo é sobre o mesmo assumpto e tem por auctor Estevão Langtow, bispo de Cantorbery em 1207. O terceiro é um *mysterio* da Paixão.

Finalmente, como se não fosse bastante para a ruina do clero chamarem os seculares ás representações nas igrejas, ainda de mais a mais applicaram a arte hieratica aos assumptos seculares. Um *mysterio* sobre a vinda do Anti-christo, composto no tempo do imperador Barbarouxa, e representado na presença deste principe, é uma continua allusão ás desavenças do papa Alexandre 3.º e do imperador. — Pouco depois o drama hieratico foi representado fóra da igreja pelos seculares; e a prova disto existe na obra de Matheus Paris sobre os 24 abba-des de S. Albano. — Conta este escriptor que de 1141 a 1149 o prior Godeffredo compoz em Dunstaple um *Jogo de Santa Catharina*; e que para vestir os actores pedira emprestadas ao capellão as capas d'Asperges.

Resummindo este curso de Mr. Magnin, vemos que do 1.º até ao 9.º século a sociedade foi governada pelas leis uniformes da conquista: — os barbaros modificaram ao depois, sem a destruir, a legislação imperial; e sobre novos costumes, e usos de povos tambem novos, de poz o tempo outra camada de leis e prescrições: foram os actos emanados dos concilios e dos bispos; a sciencia está com o poder, a litteratura com ambos, o theatro nelles só.

Nos séculos 10 e 11 o feudalismo reúne, e cerra na potente dextra todos estes elementos diversos e successivos; guarda depois tudo quanto pertence á força, e entregue ao clero tudo quanto diz respeito á intelligencia: e o theatro ainda é seu. — Mas no século 12 este systema soffre aballo. Um novo poder, que era até então imperceptivel, se alevantara lentamente, e era elle — o povo! . . . E em pouco tempo esta nova força se torna conquistadora, como todos os elementos nascentes, e se apossa não só do poder temporal, mas do intelligente; e neste, da parte mais vital do theatro.

Em o próximo artigo analysaremos este terceiro aspecto da histotia theatral, que se estende até ao fim do século 16.

## Theatro e Historia.

Em um aposento ornado de ricas tapeçarias, e em cujo tecto e paredes se engastavam vistosos quadros, mostrando o relêvo de torneadas molduras onde o ouro brilhava per entre a côr de perola, formando nos angulos engraçadas e caprichosas volutas, uma dama elegante está sentada: não seria facil, vendo-a, acertar-lhe bem com a idade, que está a dama, nessa quadra em que uma mulher é precisamente o que deseja ser; em que o tempo lhe ha roubado assás de encantos em troco da experiencia, deixando-lhe todavia bastante mocidade para dispor habilmente da formosura que lhe resta; em que, finalmente, a mulher menos se enfeitado que se decora; — e, por mais que digam, é essa uma das melhores épochas da vida. Então completou a mulher a sua doce natureza: muito antes que este prazo chegue, falta-lhe ainda saber alguma cousa; muito além, já não convida a que della aprendam os outros. — Tal é a dama do rico aposento: não é mui formosa, não podereis chamar-lhe linda, mas serieis captivos por tanta viveza de physionomia, por tão grande transparencia de rosto, que todas as paixões as mais variadas nelle se revelam successivamente, apezar de empanada uma leve cammada de arrebique.

Em que está ella cravando os olhos com tamanha attenção? Porque se mostram esses olhos, ora irritados, ora triunfantes? Donde vem essa alegria? Esse ar é bem orgulhoso! lerá porventura a confissão de um amor que por muito lhe resistiu? não; a mão direita firma-se com força em uma larga estampa ou desenho colorido, parece affogar um inimigo já derribado, obrigando-o a pedir misericordia; na esquerda, que levanta e abaixa com precipitados movimentos, tem um rôlo de papel que ella empunha pouco mais ou menos como, na tapeçaria que lhe está fronteira, um Jupiter ameaçador empunha o raio. — Lê-se na parte exterior do papel o titulo seguinte: *Requesitoria de M. de La Chalotais acerca da Companhia de Jesus.*

Eis aqui o que representa a estampa:

Um vastissimo navio, dentro do qual se vê toda a especie de pessoas, especialmente um grande numero de frades, e os diferentes geraes das suas respectivas ordens. A inscripção é: *Typus Religionis.* Um Jesuíta que parece Sancto Ignacio, é quem governa o timão; ou-

tro Jesuíta váe na prôa parecendo observar a direita que leva o navio: este faz-se de vela para o porto da salvação, e deixa após si o mundo, que ahi é designado com todos os attributos proprios a indicar as pompas, as vaidades, e os escandalos. Cardeaes, reis, imperadores, embarcados em diferentes lanchas procuram abicar a grande náu, donde parece lançarem-se amarras para os receber, ao mesmo tempo que se faz por affastar certas lanchas, cheias de hereges, e para o conseqnir empregam os da náu todos os seus esforços, chegando até a disparar contra elles fleas: nota-se ahi Henrique IV caindo traspassado per uma sétta disparada per mão occulta.

— Talvez isto vá dar-lhe alguma energia, disse a dama com impulso.

— Energia! toda n'elle se apagou. Nunca!

Quem profere estas ultimas palavras é um brilhante cavalheiro, guapo, esbelto, e cosido de ouro per todas as costuras. Parece que tem ahi entrada franca, porque no aposento privilegiado ninguem entra sem que primeiro o tenham duas vezes anunciado; é verdade que o cavalheiro não entrou pela porta principal, e talvez seja privilegio da escada occulta dar entrada sem se pedir licença.

Esse homem todavia, bem apessoado, nobre sem affectação, e lhano com donaire, não é o amante da bella dama; porque então seriam tres os seus amantes, e, como ella quer dar bons exemplos a toda a França, jámais consentiria em ter mais que dous simultaneamente. Por agora quem subjugua essa altiva formosura é *Dubellay* outr' hora comediante favorecido pela Czarina Isabel, hoje actor da côrte em que reina a soberba d' *Elioles*, e onde é monarcha Luiz XIV.

A dama de que acabamos de falar é pois M.<sup>me</sup> de Pompadour, e o que entrara pela porta occulta é o duque de La Valiere, intimo confidente de todos os segredos da favorita, encarregado per ella de prover aos divertimentos e festas da sua casa.

— Affirmaes que o *Querido* nunca mais terá energia, charo duque? diz como sentida

M.<sup>me</sup> de Pompadour.

— Assim o creio. O attentado de Damien deu-lhe o ultimo golpe. Um similhante assassinio, que augmentaria a força de qualquer outro, a elle enfraquece-lhe ainda mais o animo.

— Mas apezar disso havemos de expulsar os Jesuitas!

— Expulsal-os-hemos pois que assim o que-reis; e porque M. de Beaumont, nosso digno arcebispo, é a favor delles e prega contra vós.

— Não de expulsar-se, intertompêtu vivamente a marquezia, porque Frederico II os protege; porque Maria Thhereza, minha alliada,

(acrescentou sorrindo) lhe é avêssa; finalmente bão de expulsar-se, continuou ella erguendo o corpo e passando do sorriso á cólera, porque me é necessaria a alliança da imperatriz-rainha para dar uma lição a esse Prusso que se lhe metteu na cabeça glosar os amores de Sua Magestade. Sim, *Cotillon II*, a sultana valida, lançará por terra os Jesuitas amigos de Frederico II o philosopho tartufo.

E, ao dizer isto, batia com a mão de neve sobre o desenho que de-crevemos.

— Mas, diz o duque, para conseguir esse fim não caireis por certo em apresentar ao Rei essa má taboleta de casa de pasto, Henrique IV ferido! seria ir despertar os seus temores. Cumpre que Luiz XIV expulse os bons dos padres sem que dê muito isso, sem que o considere como um acto de vigor que executa, sem que saiba se está bem certo de que assim o quer; o que S. M. mais receia é ter uma vontade propria: se elle pensa muito nisso, dizei adeus aos vossos projectos.

— Nesse caso distracções, distracções! exclamou a marquezia, cujos olhos se animaram de um fulgor nada diplomatico.

— Distracções e mais distracções! A grande arte de governar nosso amo, toda consiste em saber proporcionar-lhe os melhores meios de elle matar as vinte e quatro horas do dia.

— Está tudo já tão usado! diz com um suspiro M.me de Pompadour; temo que o nosso theatro já não seja um meio.

— Ainda o é, que tem só tres semanas de data.

— Melhor o seria, se, em vez de representar eu, fizesse apparecer na scena todo o lindo rebanho do nosso célebre parque.

— Oh! a parodia de São-Cyro pareceria algum tanto exaggerada.

— Ora!.. quem sabe?

— Não faças tal, Senhora.

— Por amor dos costumes, cavalheiro?

— Por amor de vós, e por vós sómente.

Não cedaes a outrem os milagres da scena. Isso seria como uma fada que lançasse fóra a vara de condão. Guardae para vós o encantamento do theatro. Fizeis e-vos mulher estadista, muito bem; poupaes ao Rei o tedio do trabalho, ainda melhor; sois dona do positivo da sua vida; tornae-vos tambem senhora das suas illusões, ou pelo menos dae-lh'as a saborear tão varias e donosas, que nenhuma outra lh'as possa reproduzir. Certas graças de que aliás não ousaria servir-vos, a scena as permite; que digo? a scena as exige; *um volver d'olhos brando e piedoso*, certo ar de melancolia, um sorriso expirando amores, uma attitude soberba, suspiros, anhelitos, desejos, hesitações... Elle vos amará nympha, vos adorará pastora, e cairá a vossos pés Castellan; sempre graciosa,

sempre amavel, mas nunca amavel e graciosa do mesmo modo. Luiz estancará em vós todo o seu gosto pela variedade.

— Olhem como fala o duque! que fogol que sciencia! Prêgaes muito bem, não ha duvida.

— Falo como quem vae aos theatros. Ora vêde; *M.elle Arnauld* seria duas vezes menos bella e menos espirituosa sem o theatro.

— O que! pois havieis de atrever-vos a pensar que, eu precisasse, como ella, de!...

Ao dizer isto, subiu-lhe ao rosto um vivissimo rubor e per elle se diffundi, apesar do arrebique, com muito mais força do que antes quando falára contra os Jesuitas; certo que a cólera da *coqueteria* tem outras cores que não a cólera dos interesses.

— Oh! não, Senhora, não! acudiu M. de la Valiere com supplice protestaçoão; não! o que eu digo é, que quem é bella cá fóra, é inculciva no theatro. Ah! tendes; o que Arnauld mais receia para o seu querido *Laurajuais*...

— Que é para ella o seu Luiz XIV....

Por esta gracinha da marquezia, viu o cavalheiro que estava perdoado; e atreveu-se a pôr um dedo nos labios, deixando passar suavemente o sibilante som: -- Chiu!

— Está bom, está bom! a cousa que Arnauld mais receia é, dizeis vós?

— Vêr-se reduzida a ser coniderada como outra qualquer mulher. Diz ella que mais do que uma das suas companheiras foi de todos esquecida só por ter deixado alguns mezes de representar, e que o seu maior reccio provém do effeito que produzirão os quinze dias da páschoa.

— Duque, vós me esclareceis!... --- Nisto ficou a conversação, porém M.me de Pompadour tornou-se inabalavel em suas resoluções; e, no intervallo que separou a requisitoria de M. de La Chalotais do julgamento definitivo dos Jesuitas, medtaram em pompa e brilhantismo as festas e representações que deu á corte. Chegou a comprehender cabalmente quão pouco propensa era a indole de Luiz XIV para as medidas vigorosas: um acto de soberania, um ousado impulso, qual era atacar de frente uma corporação infatigavel e ameaçadora, excedia as forças do rei. Cumpria fazer-lhe esquecer nos obscuros prazeres de Compiègne e Choisy a acção decisiva que além se passava: cumpria pelo menos deixar-lhe acreditar que era um acontecimento, para assim dizer, espontaneo, e para o qual não concorria directamente a auctoridade real; finalmente, para nos servirmos de uma comparaçoão *classica*, diremos que M.me de Pompadour, semelhante a Juno lá do velho Olympo, adormecia o seu Jupiter, e lhe vendava os olhos com espessas nuvens, para que elle não visse os combates que se tra-

vavam no campo entre os Gregos e os Trojanos de Paris.

(Continuará.)

## Qualidades e Deveres do Comediante.

(4.º ARTIGO.)

São de necessidade indispensavel para o Comediante a nobreza e a dignidade. Bastantes pessoas de agradável presença têm o porte commum e trivial, ao mesmo tempo que as ha feias e pouco avantajadas em sua figura, que reúnem a um ar cheio de nobreza, um aspecto que infunde respeito. Quando a alma se possui de sentimentos grandes e elevados, os olhos, os gestos e as inflexões da voz, que della são claros interpretes, dão a todo o corpo um aspecto de respeito e admiração, que captiva o espectador.

Finalisámos o 3.º artigo, observando que o actor que pertendesse representar de heróe, deveria encerrar no intimo do peito o germen da virtude; e agora diremos tambem que se elle quizer adquirir nobreza e dignidade, sómente o alcançará elevando sua alma ao nivel das personagens, que tem de nos fazer ver.

Poderá todavia acontecer que o artista reunindo tantas qualidades, como a nobreza, a sensibilidade, a intelligencia, &c., lhe falte aquella vivacidade de espirito, e expressão que se chama fogo. Alguns actores, apezar de estarem vivamente penetrados do que dizem, já-mais conseguem dar expansão á sensibilidade por causa de uma infeliz quèda para a frieza: é mister, que o comediante se recorde que nunca será possível espelhar grandes characteres, se não possuir e ostentar calôr brilhante ou concentrado. O auctor que observou, e conhece os homens, não pôde imaginar personagens isemptas de paixões; e as que parecem tranquilladas quando ha motivos para se commoverem, dão ao comediante o mais bello injeço de fazer brilhar sua arte e genio.

O olhar perturbado, e a voz atroadora exprimem tam bem o calôr verdadeiro, como a fria estupidez prova a tranquillidade d'alma; é por que a intelligencia e sensibilidade do actor lhe devem regrad o fogo natural. — Larize nota que muitas vezes os applausos fazem que a alma do comediante se exalte a tal ponto, que lhe faz achar esses ímpetos felizes, que porventura nunca descobriria ainda com o maior estudo. Se os outros actores que o rodeiam são susceptíveis das mesmas impressões, sendo verdadeiros nas suas intonações e dicção, então o comediante, tam bem inspirado, torna-se subli-

me. O talento de escutar, interrogar-se, e responder reciprocamente, accrescenta por extremo a illusão scenica.

O calôr opéra, reage, e se comunica do actor ao espectador, e alternadamente. — Mil pessoas estranhas umas ás outras reuniram-se no mesmo logar; começa a peça, e todas estas pessoas tornam-se ao mesmo tempo um unico ser collectivo, tomam as mesmas disposições, e as communicam aos actores de quem as receberam.

## Chronica Theatral.

Os nossos theatros foram assás frequentados durante a passada semana, apezar dos bailes que houveram, e que tanto com aquelles costumam rivalisar. Quem diria, vendo o numerosissimo concurso que quinta feira acudiu á Assembléa estrangeira; quem diria, ter essa mesma noite havido *enchente* no Theatro Normal! Com razão se diz que em Lisboa ha gente que chega para tudo; — até para ver e applaudir o phantasma branco! Esta peça pois tem continuado a ser recebida com especial agrado; e nós, reflectindo, e investigando as razões que levaram o nosso intendido publico a decidir-se tão pronunciadamente per aquelle *mixtiforio*, concluímos que não é a peça em si mesma que applaudem, mas os actores que nella entram; não é por lhes parecer um bom drama, é por terem occasião de ver nelle reunidos quasi todos os melhores actores e actrizes do Theatro Normal. Devemos lembrarmos que, sem falar nos homens, entram na peça as Sr.<sup>as</sup> Talassi, Emilia, e Josephina.

O Theatro de S. Carlos deu-nos na Sexta feira uma dança nova, e um *debut*. A dança é bastante engraçada, e propria d'este tempo de carnaval; faz honra ao Sr. *Astolfi* seu compositor, e dá occasião a que figurem muito bem os principaes bailarinos e bailarinas. Em quanto não falámos mais meudamente d'esta dança, e a não observámos em uma segunda e terceira representação, diremos que nos pareceu bem desempenhada, especialmente pela Sr.<sup>a</sup> *De Vecchi*, que mostra tão feliz propensão para as armas como para a dança; é com effeito um galantissimo sargento; as bailarinas estavam bem ensaiadas na difficil execução do manejo e evoluções que executaram. Os boléros foram muito bem, distinguindo-se nelles com especialidade a Sr.<sup>a</sup> *Soler* e o Sr. *Ramos*. — Da Sr.<sup>a</sup> *Rabel* pouco diremos ainda, por não ser taxados de pouco circunspectos; pareceu-nos que é uma dançarina de bastante força, mostrando muita firmeza, elegancia, e volubilidade; pareceu-nos tambem que o publico

não fez toda a justiça ao seu merecimento, o que não deve admirar, pois que nessa mesma noite houve quem pateasse a nova dança; devemos lembrar-nos que a Sr.<sup>a</sup> De Vecchi não agradou no seu debate, e conta actualmente muitos partidistas; — a Sr.<sup>a</sup> Rabel foi comtudo applaudida progressivamente, havendo sido ao principio acolhida com frieza.

Esquecia-nos fallar do espectáculo que teve lugar segunda feira por occasião do beneficio da Sr.<sup>a</sup> Rosina Pico. A platea e camarotes estavam cheios de espectadores, e a beneficiada fez quanto seus meios lhe permittiam por merecer delles bom acolhimento. O duetto de Roberto Devereux cantado pela Sr.<sup>a</sup> Ferretti e Sr.<sup>a</sup> Pico foi melhor do que era de esperar, e, para elogio d'esta artista, basta dizer que agradou elle ao publico, apesar de ainda este se lembrar (e bem saudoso!) da pureza de canto, delicada expressão, e sentimento profundo com que o de-empenhou outr'ora a Sr.<sup>a</sup> Claudia Ferloti. Sem entrarmos em comparações que para nada serviriam, limitamo-nos a dizer que não produziu máu effeito, e que Strella foi bem cantada per ambas as partes e muito applaudida; os d'us actores foram chamados fora. O duetto jozoso os loucos por projecto não nos pareceu ser obra prima, nem encerrar lembrança alguma nova; foi mediocrementemente applaudido.

O ductto de Belisario cantado pelos Srs. Regoli e Spech tambem não captou muito os espectadores: o Sr. Spech tem desmerecido (força é dizel-o) do conceito em que era tido no Porto; nós que o ouvimos no Theatro de S. João, podemos afirmar que os bons créditos em que ali estava este artista eram assás merecidos, não podendo todavia deixar de convir com os Lisbonenses, que o Sr. Spech está muito longe actualmente de corresponder á fama que precedeu a sua chegada a esta capital; — será pela grande capacidade do Theatro de S. Carlos; será por se achar diminuida a voz do artista! E' o que não podemos dizer ao certo. — Tanto o duetto como o tercetto de Zampa, foram muito bem executados: no duetto o Sr. Eckerlin desempenha a sua parte convenientemente, e a Sr.<sup>a</sup> Pico a canta de modo que rivalisa com a linda canção do Desertor por amor, nonde tanto foi applaudida. O Sr. Ramanda accomoda-se quanto póde a todo o genero de papéis, e nunca váe muito mal; vem a proposito lembrar quanto no Theatro de S. Carlos se requer um primeiro basso comico, cousa de que estamos privados desde que Maggioroti se partiu.

## ALBUM.

### Theatros Estrangeiros.

O basso-comico *Campagnoli* distinguio-se na representação do Barbeiro de Sevilha.

No theatro da *Opera-Comique* tem-se representado a Nina de *Coppola*, alterada e modificada ao gosto francez per Mr. Girard. Isso tem escandalizado sobre maneira os Italianos, custando lhes muito ver que se não guarda respeito nem ás melhores composições dos mais insignes *maestros*: Se os acreditarmos vemos que a Nina não ganhou com os enfeites francezes. Nesta Opera se distinguio muito a Sr.<sup>a</sup> Eugenia Garcia; desta cantora diz um jorn lista francez o seguinte: — A voz da Sr.<sup>a</sup> Eugenia Garcia é um instrumento de grande qualidade lyrica e de alto estylo, reunndo o duplicado attractivo de contralto e soprano. O contralto é amplo, firme, e energico; o soprano é brilhante, ousado, cheio de sonoridade e vigor. Esse bello instrumento é além disto animado pela intelligencia e paixão dramaticas, duas prestantes qualidades, que a Sr.<sup>a</sup> Garcia possui em supremo grau.

O Sr. Francisco Schira acha-se actualmente em Paris compondo uma Opera para o theatro de *la Renaissance*.

PARMA. — Não agradou abi a Opera *Lucrecia Borgia*; todavia a Sr.<sup>a</sup> Boccabadati foi nella mui applaudida, não desmerecendo do bom conceito que ha grangeado no theatro daquella Cidade.

FERRARA. — Foi estrepitosamente pateada a Opera *Hugo Conde de Paris*.

Dous Theatros italianos conta hoje a GRECIA, um em ATHENAS, outro em CEFALONIA, contando o primeiro tres primeiras damas, dous primeiros tenores, dous primeiros bassos serios e um comico, uma segunda dama e um se-

gundo baixo, doze coristas homens, e seis mulheres. O Theatro de Cefalonia não lhe é inferior.

Em um jornal francez de 1835 lê-se o seguinte: — Um theatro clandestino acaba de estabelecer-se na praça do banco; foi publicado pelo seguinte annuncio: — *Grande Caffé do Renascimento, praça do bonco, 12. O proprietario deste estabelecimento previne o público da aquisição que acaba de fazer de M.<sup>lle</sup> Nina de Lassave para sua caixeira (demoiselle de comptoir). Cada pessoa pagará um franco de entrada afóra a importancia do consumo que fizer.* — Custa a distinguir o que é mais ignobil neste espectáculo, se as pessoas que tiram partido dessa infeliz creatura, se ella propria, que, tres dias depois da morte do seu amante, tres dias depois da morte de outros dous homens, que o seu depoimento levou ao cadafalso, não sente a necessidade de esconder sua vida, e assim se está vendendo á curiosidade estúpida do vulgo. Parece incrível que seja tolerada uma tal industria. — *Nina Lassave era amasia de Fieschi.*

Cada sciencia tem sua chiméra que em vão se buscará realizar, mas cuja indagação é sempre utilissima; as maiores descobertas da chymica, da geometria, da mechanica, são devidas áquelles que gastaram infructuosamente a sua vida, procurando a pedra philosophal, ou a quadratura do circulo, ou o movimento continuo. O coração tem tambem suas chymeras; um amor constante, uma amizade perfeita, um desinteresse absoluto; e quando se realizará esse perpetuo sonho do coração? talvez nunca; mas é infeliz, e não póde ser virtuoso, quem chega a perder essas doces illusões. — Do mesmo modo o artista que não tomar para modello um typo de perfeição, nunca <sup>mediocre</sup>

## ROMANCE DO 2.º ACTO DO DRAMA

## RUY BRAZ

Musica do Sr. Osternhold.

1

Para que quero eu ouvir,  
Os passaros a trinar?  
Se mais suave harmonia,  
Eu góso no teu cantar.

2

Póde Deus cubrir os astros,  
Póde mostral-os nos ceus,  
Que outros astros mais brilhantes  
Diviso nos olhos teus.

3

Encha-se o jardim de flores,  
Na creadora Estação,  
Que das flores a mais bella,  
Tenho-a no teu coração.

4

Essa ave que trina e canta,  
Esse astro que dá fulgor,  
Essa flôr que nasce n'alma,  
Tudo quer dizer: — amor! —

(E. F.)

## REAL THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 16 de Fevereiro = Opera = Parisina = Dança = As Nove Recrutas.

Segunda feira 17 = Beneficio de Luiz Anglois, Professor de contra-baixo de S. M. o Rei de Sardenha, e da Camera de S. M. a Senhora D. Maria II. = Opera = Parisina = Depois do 1.º acto o beneficiado executará um Sólo de contra-baixo. Seguir-se-ha a Dança jocosa = As Nove Recrutas, — depois da qual o beneficiado e seu discipulo João Alberto Rodrigues Costa, executarão um Duetto de contra-baixos = escripto expressamente, e será acompanhado a pianno forte, pelo Sr. José Francisco dos Santos, musico da Real Camera. Concluirá o espectáculo com o 2.º acto da mencionada opera.

Quarta feira = Repete-se o mesmo espectáculo.

Sexta feira 21 = O 1.º acto da Virginia = Dança = As Nove Recrutas = e o 2.º da Parisina.